

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade — Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.057

Redacção, Administração e Tipografia

Quarta feira, 3 de Maio de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhama-Lisboa. Telefone 5539-9

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

As mentirosas «verdades» da C.P.

Nós compreendemos que, neste momento em que o edifício burgues-capitalista ameaça derrocada, as forças conservadoras, em presença das tendências reivindicadoras que por parte das classes laboriosas se vêm acentuando, como natural consequência do desastroso e sanguinolento conflito de 1914-18, procurem por todos os meios defender o seu predomínio, as suas prerrogativas, unindo-se contra a reação irreprimível que as suas próprias ambigüidades desmedidas provocaram.

Compreendemos que o honrado comércio e a honrada indústria, sentindo fugir-lhes o chão debaixo dos pés depois da farta digestão, sintam os cabos em pé ante a lógica revolta dos explorados contra a sua nefanda obra de abusos. Compreendemos a intranquilidade dos seus espíritos tremendo com a ideia de que o povo, roubado, envenenado, sugado, infame e criminosamente, venha perturbar-lhes a digestão, pedindo-lhes contas da miséria que tem feito passar.

Mas o manifesto que a C. P. publicou é dum tam grande descontentamento, e dum tal estupidez, que só por ironia o poderíamos compreender.

Com efeito, as *fórcas vivas*, que assim se tem, a si mesmo chamado talvez por serem elas só quem tem podido viver, teem o arrojo — elas que deviam estar muito caladinhos para não nos vir lembrar certas coisas — de vir a público atirar para cima das classes operárias a responsabilidade das dificuldades da vida.

Elas, as classes «essencialmente trabalhadoras», como tem desplante de se chamar, entende que é preciso normalizar as condições em que se exerce a vida, e da oferta, e que é preciso ainda centrar num regime de ordem e de trabalho. E atribuem aos operários as causas da situação presente, dizendo ser a «vaga da preguiça» um dos principais aspectos do desequilíbrio económico.

Com um embusteiro tremor de voz lamentam que o problema da carestia da vida seja dolorosamente sentido por todos!

É o cúmulo da desfaçatez, o cúmulo do descarimento.

«Pois quem foi que provocou a anormalização das leis de procura e da oferta?»

Quem se serviu das dificuldades que a guerra trouxe para esconder os gêneros que devia ter à venda, com o fim de os fazer subir de preço, fazendo descer a procura?

Quem escondeu a parte principal da produção agrícola de 1916 a 1919 para a fazer sair do país, no momento em que as dificuldades de transportes e de produção nos lançaram na negra fome, só porque a nossa moeda dia a dia se desvalorizava?

Quem deixou ao abandono regiões enormes de terreno cuja fertilidade se perdeu, com prejuízo do juiz público, com prejuízo do Estado, com prejuízo do valor monetário que se depreciava a medida que cresciam as nossas necessidades de importação, só porque procedendo assim fazia subir cada vez mais o prato da procura enquanto perdia o equilíbrio o outro prato da balança comercial?

Quem deixou apodrecer nos entrepostos milhares e milhares de toneladas de produtos para que o prato da oferta não pudesse subir e para que não descesse o custo da vida?

Quem foi às colônias portuguesas buscar produtos alimentícios e oleaginosos para os ir vender na Inglaterra e na Espanha?

Quem se serviu de todas as artimanhas para forçar o Estado a criar escandalosos regimes de proteção contra os produtos estrangeiros?

Quem obrigou o povo — esse povo de quem se apôssova a *vaga da preguiça* — quem obrigou este povo a passar as noites e os dias em bichas intermináveis à porta dos estabelecimentos?

Quem lucrou com a participação desastrosa de Portugal na guerra europeia, factor principal da desvalorização da moeda e do desequilíbrio económico?

Quem motivou o descredo de Portugal no estrangeiro, de que derivou a maior parte das nossas dificuldades actuais, não obstante a intervenção na guerra do exterior português?

Quem fez fortunas colossais no período de miséria e de sacrifícios, durante a guerra e depois dela?

Quem armou ardilosamente a cilada de supostos empréstimos externos, como o dos célebres 50 milhões de dollars, para provocar uma fictícia melhoria de câmbios e assim aproveitar uma situação falsamente favorável à oferta, para logo aproveitar também — com o brusco e premeditado salto da moeda em sentido contrário — o refluxo inevitável?

Quem importou os milhares de automóveis que entraram em Portugal exactamente no período em que as consequências da guerra mais se faziam sentir?

Ah! Sim! Devem ter sido os operários a causa do mal estar de todos, que todos igualmente sentem...

Agora é que os da C. P. reconhecem, depois de se terem envidado criminosamente num latrocínio legal e ilegal, agora é que eles reconhecem que é preciso entrar num regime de ordem e de trabalho.

Como se não tivessem sido eles quem provocou a desordem e a miséria, como se não fossem eles que propostadamente temem impedir que ativamente se trabalhe!

Quando era realmente preciso trabalhar, quando ésses sacrificio de que eles nos falavam havia de pôr-se à prova, procurando dar ao país condições que o habilitassem a viver de si próprio como alguns países se fez, os lavradoras de Portugal deixavam as terras incultas e mandavam arrancar árvores cuja lenha lhes rendia bom dinheiro. Os industriais e comerciantes não pensaram então em produzir para salvar o país da miséria. Pelo contrário, eles, os essencialmente trabalhadores — deixavam as mãos a um precioso produto e era uma mina que passava de mão em mão deixando lucro nos bolsos de dezenas de intermediários.

O que foi que se desenvolveu em Portugal? A indústria? Não, desenvolveu-se o comércio, o comércio puramente parasitário — todo él o não é — o comércio de comissões, o comércio de armazém e de corretagem, e o bancário com todos eles.

Os operários ficaram numa situação melhor por terem sido forçados a reclamar melhoria de situação depois da vida ter subido? Não, os operários foram exclusivamente quem sofreu as consequências da insaciável voracidade comercial.

Foi o estado que lucrou com a fome? Não, o Estado declarou-se abertamente protector da ladroeira em seu próprio prejuízo, pois se arruinou para não perturbar aos abutres o gozo completo de sugar à vontade a presa.

O Estado ficou pobre, miserável, falido, desacreditado. O povo ficou pior do que estava, depois de uns poucos de anos de fome. Só eles se encheram, eles os da C. P., as *fórcas vivas*, o honrado comércio, os essencialmente trabalhadores.

E depois de fartos, depois de terem pronunciado e ainda depois de troca de explicações com o mesmo camarada, explicações que satisfizeram o Conselho, deu-se o assunto como liquidado tendo o mesmo camarada retomado o seu cargo.

Não tendo reunido ontem a comissão administrativa por falta de número, é esta convocada a reunir amanhã, às 21 horas, para tratar de assuntos urgentes.

Continuam as conferências sobre Evolução da Humanidade, na VI secção, Associação de Classe dos Operários Chapeleiros, R. do Arco Marquês de Alegrete, 30, 2.º, realizando-se hoje às 21 horas, a 3.ª da série, pelo dr. sr. Santa Rita.

Universidade Popular Portuguesa

Continuam as conferências sobre Evolução da Humanidade, na VI secção, Associação de Classe dos Operários Chapeleiros, R. do Arco Marquês de Alegrete, 30, 2.º, realizando-se hoje às 21 horas, a 3.ª da série, pelo dr. sr. Santa Rita.

Universidade Livre

História do Brasil

Realiza-se hoje a 3.ª lição deste curso, ao qual o dr. sr. António Ferreira tem dado um cunho absolutamente prático, e que tem despertado grande entusiasmo, não só pela oportunidade, como também pela forma como é tratado.

Inabitavelmente, a fei representa apenas um entrave ao progresso, uma barreira à evolução que é preciso abalar até os fundamentos, esforçando-nos assim em suprimi-la para o máximo de utilidade e grandeza geral — A. Vaz.

A conferência de Génova

A "ultimatum" com "ultimatum" se responde..

Tchitcherine convida os aliados a reatarem sem demora a conversação com a Rússia

Até agora, tem havido a preocupação exclusiva da liquidação do passado, que por enquanto ainda não está liquidado.

Tomaram-se os caminhos os mais tortuosos, os mais longos, com, segundo os peritos em que foram apresentadas as propostas russas, desenvolvendo o resumo sucinto contido na minha carta de 20 de abril ao primeiro ministro da Gran-Bretanha. A delegação russa com reconhecimento desejaria que V. lhe desse a conhecer as razões da não-convocação da primeira comissão e da sub-comissão políticas, assim como as datas em que estas serão convocadas.

Os rumores correntes seguido os quais uma destas sub-comissões teria sido convocada sem a participação da Rússia não podem ser evidentemente conformes à realidade, visto que Rússia nelas participa no mesmo pé de igualdade.

A convocação da primeira sub-comissão é tanto mais deseável que o método observado até agora pela Conferência, na questão russa, é incapaz de conduzir a um resultado útil e não é de forma alguma conforme com a resolução de Cannes, que coloca, em primeiro lugar, os fins positivos, a reconstrução e os socorros financeiros aos países fracos.

Tenho o profundo pesar de dever fazer ressaltar, nesta ocasião, que nenhuma resposta precisa recebeu até agora a delegação russa quanto ao quantitativo dos créditos necessários à reconstrução da Rússia, cujo montante foi entretanto indicado pela delegação russa como sendo uma condição prévia e absolutamente indispensável do acordo cujo projeto foi esboçado na minha carta de 20 de abril ao sr. primeiro ministro da Gran-Bretanha.

Se a ausência de resposta a este assunto, e a interrupção pela Conferência dos seus trabalhos, significam uma recusa por parte das potências convocadas a aceitarem o texto da minha carta de 20 de abril ao primeiro ministro da Gran-Bretanha, como base dum discussão em que certas ideias fundamentais foram precisadas nas propostas dos peritos russos na passada segunda-feira, neste caso a delegação russa, por seu turno, se não pode considerar ligada à minha carta de 20 de abril, e retornaria a atitude expressa no «memorandum» russo, que foi sua atitude inicial, e que continua sendo a expressão dos princípios que esta considera como justos, posto que tenha de facto, com um fim de conciliação, consentido nas concessões indicadas na minha carta de 20 de abril, sob certas condições, sem as quais as ditas concessões não podem de forma alguma entrar em vigor.

Na previsão desta eventualidade, tomo a liberdade de chamar a atenção da conferência sobre o «memorandum» russo, cujas cópias são simultaneamente enviadas ao secretariado geral.

Aproveito esta ocasião, sr. presidente de lhe endereçar as expressões sinceras da minha mais alta consideração.

Tchitcherine,

As razões de Tchitcherine ao escrever a sua carta

O delegado russo Rakovski expõe os motivos que levaram Tchitcherine a dirigir a sua carta ao presidente Fábio.

Casa Stampa. — Conferência de Génova.

LEDE

NOVELA VERMELHA

Nesta 3.ª lição, tratará do establecimento geral; da ocupação da Baía pelos holandeses (1548-1624); da obra do governo da administração de Tomé de Sousa, Duarte da Costa, Men de Sá, etc.; dos primeiros jesuítas no Brasil, de Manoel de Nobrega, Aspicuelta Navarra e José Ancheta; da fundação e evolução da Baía de São Paulo e do Rio de Janeiro; das primeiras intromissões dos franceses no Brasil; das tentativas de Villegagnon ao sul, e os de Jacques Rigault e La Rawardiére do norte; dos projectos da «França Antartica» e da «França equinocial»; da expulsão dos franceses de Jerônimo de Albuquerque e Diogo de Campos, e da criação do Estado do Maranhão (do Ceará ao Pará).

Depois de vários delegados se terem pronunciado e ainda depois de troca de explicações com o mesmo camarada, explicações que satisfizeram o Conselho, deu-se o assunto como liquidado tendo o mesmo camarada retomado o seu cargo.

Não tendo reunido ontem a comissão administrativa por falta de número, é esta convocada a reunir amanhã, às 21 horas, para tratar de assuntos urgentes.

Continuam as conferências sobre Evolução da Humanidade, na VI secção, Associação de Classe dos Operários Chapeleiros, R. do Arco Marquês de Alegrete, 30, 2.º, realizando-se hoje às 21 horas, a 3.ª da série, pelo dr. sr. Santa Rita.

Universidade Popular Portuguesa

Continuam as conferências sobre Evolução da Humanidade, na VI secção, Associação de Classe dos Operários Chapeleiros, R. do Arco Marquês de Alegrete, 30, 2.º, realizando-se hoje às 21 horas, a 3.ª da série, pelo dr. sr. Santa Rita.

Universidade Livre

História do Brasil

Realiza-se hoje a 3.ª lição deste curso, ao qual o dr. sr. António Ferreira tem dado um cunho absolutamente prático, e que tem despertado grande entusiasmo, não só pela oportunidade, como também pela forma como é tratado.

Inabitavelmente, a fei representa apenas um entrave ao progresso, uma barreira à evolução que é preciso abalar até os fundamentos, esforçando-nos assim em suprimi-la para o máximo de utilidade e grandeza geral — A. Vaz.

Conferências

Universidade Livre

História do Brasil

Realiza-se hoje a 3.ª lição deste curso, ao qual o dr. sr. António Ferreira tem dado um cunho absolutamente prático, e que tem despertado grande entusiasmo, não só pela oportunidade, como também pela forma como é tratado.

Inabitavelmente, a fei representa apenas um entrave ao progresso, uma barreira à evolução que é preciso abalar até os fundamentos, esforçando-nos assim em suprimi-la para o máximo de utilidade e grandeza geral — A. Vaz.

Conferências

Universidade Livre

História do Brasil

Realiza-se hoje a 3.ª lição deste curso, ao qual o dr. sr. António Ferreira tem dado um cunho absolutamente prático, e que tem despertado grande entusiasmo, não só pela oportunidade, como também pela forma como é tratado.

Inabitavelmente, a fei representa apenas um entrave ao progresso, uma barreira à evolução que é preciso abalar até os fundamentos, esforçando-nos assim em suprimi-la para o máximo de utilidade e grandeza geral — A. Vaz.

Conferências

Universidade Livre

História do Brasil

Realiza-se hoje a 3.ª lição deste curso, ao qual o dr. sr. António Ferreira tem dado um cunho absolutamente prático, e que tem despertado grande entusiasmo, não só pela oportunidade, como também pela forma como é tratado.

Inabitavelmente, a fei representa apenas um entrave ao progresso, uma barreira à evolução que é preciso abalar até os fundamentos, esforçando-nos assim em suprimi-la para o máximo de utilidade e grandeza geral — A. Vaz.

Conferências

Universidade Livre

História do Brasil

Realiza-se hoje a 3.ª lição deste curso, ao qual o dr. sr. António Ferreira tem dado um cunho absolutamente prático, e que tem despertado grande entusiasmo, não só pela oportunidade, como também pela forma como é tratado.

Inabitavelmente, a fei representa apenas um entrave ao progresso, uma barreira à evolução que é preciso abalar até os fundamentos, esforçando-nos assim em suprimi-la para o máximo de utilidade e grandeza geral — A. Vaz.

Conferências

Universidade Livre

História do Brasil

Realiza-se hoje a 3.ª lição deste curso, ao qual o dr. sr. António Ferreira tem dado um cunho absolutamente prático, e que tem despertado grande entusiasmo, não só pela oportunidade, como também pela forma como é tratado.

Inabitavelmente, a fei representa apenas um entrave ao progresso, uma barreira à evolução que é preciso abalar até os fundamentos, esforçando-nos assim em suprimi-la para o máximo de utilidade e grandeza geral — A. Vaz.

Conferências

Universidade Livre

História do Brasil

Realiza-se hoje a 3.ª lição deste

AS GREVES

Operários do mobiliário

nha e esta só será um facto quando houver consciência. Refer-se por fim ao congresso do partido republicano português, no qual um congressista propôs para que fosse revogada a lei das 8 horas de trabalho, argumentando que assim teriam os operários menos tempo para fabricar bombas, quando os burgueses são quem tem canhões, granadas, espingardas, etc., para esmagar os trabalhadores, não tendo portanto a burguesia autoridade moral para condenar os operários.

Segue-se no uso da palavra Santos Arruda, delegado da Federação Mobiliária. Diz que após a conflagração europeia a classe burguesa tem procurado todos os meios para cercar as regalias dos trabalhadores, mas estes é que são os cipriados porque se conservam adoráveis, especialmente a maioria, não accitando a luta. Em Portugal o patronato criou um organismo simplesmente para esmagar aqueles que trabalham, fazendo ao mesmo tempo pressão sobre os governantes para conseguir os seus fins. Os trabalhadores devem também defender-se devidamente para defensos dessas arremetidas.

Continuando, diz que se em parte a massa operária tem adormecido, isso é da responsabilidade de alguns militares que a tem abandonado, formando ou integrando-se em partidos políticos, parecendo querer dar aos nossos inimigos a impressão de que os trabalhadores pretendem o governo. Julgaram erros que a guerra trazia a revolução social, quando esta estará tam proxima quanto o grau de consciência de todos estiver preparado. E assim a Confederação Patronal poderá conseguir os seus fins, devido à divisão que se tem feito. Afirma que a classe mobiliária está em luta com a Confederação Patronal, mas lutará até vencer. Aquela misteriosa entidade pode por a parte sobre os governos, esmagar os industriais, mas não é magiar os mobiliários que sabem o que querem.

Antonio da Graça, da Federação Metalúrgica, lamenta a pouca concorrência ao comício. Enquanto a burguesia se prepara para cercar as regalias dos trabalhadores, devem estes, porsa vez, organizar-se moral, técnica e revolucionariamente nos seus sindicatos para lhe oporem uma forte barreira. Apela para que todos contribuam para os russos famintos, vitimas do capitalismo.

Pela Federação Corticeira fala Heitor Velga, que levanta o seu protesto contra as classes parasitárias que pretendem roubar as 8 horas, apelando para que a classe operária não consista que elementos que nada fazem queiram aumentar o horário de trabalho.

Raul Duarte, da Federação de Calçado, Couros e Peles, saída os mártires encerrados nas masmorras da república pelo simples facto de estarem em liberdade. Diz que a Confederação Patronal, que é constituída pelas criaturas que mais tem roubado os trabalhadores, tem a audácia de vir dizer que são estes que estão ricos! Devem, portanto, todos os operários unir-se nos seus sindicatos para se oporem a tais infâmias.

A seguir fala Carlos Fortes, delegado do Pessoal da Carris de Ferro, que diz ter a Confederação Patronal imposto aos industriais para que durante um ano não dessem trabalho aos demitidos. É um problema a resolver e se a organização não o fizer, acrescenta, então resolvem-no eles.

Diz que a sua classe foi esmagada, deve-se em parte à organização operária, e a continuar-se assim o patronato esmagará definitivamente tudo quanto está feito. Afirma que todos os demitidos lutam com a miséria e estão desorientados. Ele, orador, como vítima e como chefe de família, se lhe faltará o pão em sua casa, já tem o seu caminho tracado.

Apela para todos os conscientes para que saibam corresponder monetariamente a favor dos demitidos.

José Esteves, da Federação das Juventudes Sindicais, afirma a sua volta contra todas as prepotências governamentais e patronais. Vê com desgosto que, em vez de aumentar a consciência operária, ela diminui como se verifica da concorrência que assiste ao comício, terminando por dizer que a falta de organização se deve em parte aos militares operários.

Em seguida é aprovada por aclamação a moção da U. S. O., que tinha sido lida a meio dos trabalhos, sendo encerrado o comício.

A moção é do teor seguinte:

Considerando que a data do 1.º de Maio não só é hoje uma comemoração das reivindicações previscas pelos mártires de Chicago mas também a afirmação da força consciente das classes trabalhadoras;

Considerando que o 1.º de Maio, teve inicio na reclamação do horário máximo das 8 horas de trabalho, regalias este já conquistada, mas que presentemente é atacado por todas as forças reacionárias anónimamente entrincheiradas na Confederação Patronal;

Considerando ainda, que a Confederação Patronal, entidade secreta donde irradiava a perseguição ao operariado e bem assim às suas regalias conquistadas, publicou um manifesto que constitui o maior conjunto de falsidades até hoje dada a público;

Considerando que a data de hoje sendo internacional, é de molde a afirmar-se a vontade indestrutível do povo trabalhador, na crença insólita e ideológica de uma próxima transformação social, que tem como base a igualdade económica, pela abolição da propriedade privada, causa principal de todos os conflitos sociais;

Considerando que para manter a mesma propriedade privada e satisfazer as forças burguesas, se prende com a maior facilidade operários, só pelo facto destes defendendo os seus direitos mais presos; e assim se encontram a ferros da república muitos camaradas, cujos supostos delitos assentam em causas emergentes da desigualdade económica, enquanto que os causadores do mal estar social não só não são incomodados, como ainda dispõem com a sua influência de todos os poderes do Estado;

Considerando por último, que não tem respeitado a liberdade de pensamento, de religião e de associação, o que constitui a negação das afirmações feitas no tempo da propaganda e republicana, facto este que não continuaria a ser tolerado pelo operariado, por ser este ainda a única força organizada que

sempre tem defendido estas e outras liberdades públicas;

O povo trabalhador de Lisboa reuniu-se em comício público a convite da União dos Sindicatos. Operários resolvem:

1.º Ratificam a sua simpatia por todos aqueles que tenham revolucionariamente contribuído para a unificação do operariado sem fronteiras, visto a manifestação de hoje sintetizar uma aspiração internacional.

2.º Homenagear a memória dos mártires de Chicago, não admitindo qualquer alteração ao actual regime de 8 horas de trabalho, usando-se para a defesa do mesmo horário de todos os meios ao nosso alcance.

3.º Lançar ao máximo desprazo o manifesto da Confederação Patronal, não só por o mesmo ser mentiroso, como pelos seus intuios egoistas ameaçar subverter todo o operariado da região portuguesa.

4.º Afirmar a sua vontade inabalável no triunfo da emancipação das classes produtoras, não esquecendo neste momento solene o esforço gigantesco do operariado do Oriente a quem saudam.

5.º Reclamar a liberdade de todos os pressos por questões sociais, tendo em atenção, que se formulam indultos assinados por elementos das chamadas fórcas vivas em que se pede a liberdade de presos de débito comum.

6.º Reclamar a máxima liberdade de pensamento, de reunião e de associação, pois sem estas não se afirmam as manifestações do progresso, antes se retrograda aos tempos jesuíticos das trevas.

Por lapso, o presidente do comício não deu a palavra ao delegado do Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos, não representando este facto menos consideração para aquele organismo.

Como sobre a mesa estivessem credenciais para dois delegados comunista, que fazem uso da palavra, o presidente declarou que, segundo resoluções do conselho de delegados da U. S. O., só podiam falar representantes da organização operária, dando, portanto, o comício por encerrado, por não haver mais oradores naquelas condições inscritos.

Levantava-se um certo borbotinho, ouvem-se apartes, esboçando-se alguns conflitos que não tiveram importância. No meio da confusão, vários comunistas invadem as carroças que servem de tribuna, saltando para cima da mesa onde trabalham os representantes da imprensa, sem consideração alguma por quem ali estava no cumprimento da sua missão.

Pouco depois serenaram os ânimos, debandando tudo na melhor ordem.

Durante o comício foram recebidos os seguintes telegramas:

ALJUSTREL, 1.º—Saído o comício. A população operária de Aljustrel associa-se à minha saudação. — Armando Martins, delegado da C. G. T.

SANTA BARBARA DE NEXE, 1.º— Os delegados em propaganda no Algarve saíram o comício. — Carlos Coelho e João Gomes.

Brincadeira estúpida

Sob a presidência do juiz auxiliar dr. Alfeu da Cruz e escrivão José Vazques efectuou-se ontem no Instituto de Medicina Legal de Lisboa o exame direto de Manuel Francisco, de 42 anos, trabalhador, natural e residente na freguesia de São João dos Montes, concelho de Vila Franca de Xira, aquele pobre salário que há dias no Largo de Camões, quando esperava a hora do combóio, foi vítima de uma brincadeira estúpida da autoria de cinco chauffeurs, caso afortunado.

Noutro conjuntura ficar-nos-ia mal dizê-lo; mas hoje, com alívios o afirmamos:

Uma infima parte dos operários do mobiliário são os que se encontram absolutamente paralisados. Da grande maioria, uns trabalham nas oficinas e noutros, para comparecerem para a sede do sindicato, para compor a comissão de discussões, e que cederam, algumas para particulares, outros irradiaram-se para outros mestres, havendo operários que preferem fazer fretes, limpar chaminés e serem

nestre de 1921, assim como o secretário administrativo do mesmo ano.

Seção da C. Civil de Belém—Réunem-se em assembleia geral para apreciar o parecer da comissão revisora de contas do ano anterior, outros trabalhos de interesse para a indústria.

Impressores tipográficos—Réunem hoje a Direcção, pelas 20 horas, na nova sede desta Associação, na Calçada do Combro, 38-A (edição da C. T.).

Fragateiros—Réunem amanhã a assembleia geral, pelas 21 horas.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

U. S. O. de Almada—Réunem hoje, pelas 20 horas, o conselho de delegados da União, na Associação dos Corteiros, sendo necessária a comparecência de todos os delegados devido à importância dos assuntos a tratar, que são de máxima importância para a vida desta União.

CONVOCAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal

—Amanhã, pelas 21, réunem o Conselho Federal com as direções dos sindicatos aderentes, para um assunto do maior interesse corporativo.

Pela importância das deliberações a tomar é indispensável a comparecência de todos os componentes das direções.

Federação Nacional da Construção Civil—A Comissão Administrativa, Réunem hoje, pelas 20 horas, a comissão administrativa, resolvendo entre outros assuntos, tomar em consideração todas as informações que até hoje chegaram sobre o horário de trabalho, resolvendo o mesmo levar à prática sessões de propaganda. Apreciam a atitude de vários camaradas que estão trabalhando horas suplementares em várias obras.

Resolvia mais que todas as reuniões sejam efectuadas as quinta-feiras. Nomeou o camarão António dos Santos para a sessão dos Aeronautas. Ocupou-se, por último, do manifesto da C. P., deliberando protestar.

Convocações

Armazéns reguladores

Do Comissariado dos Abastecimentos recebemos a seguinte nota oficiosa:

Tendo-se propagado que vão ser despedidos os actuais fiéis dos Armazéns Reguladores para serem substituídos por oficiais reformados, cumpre esclarecer que apenas se substituiram uns fiéis de armazém por irregularidades no desempenho das suas funções e queixas repetidas do público contra eles, no que, de resto, apenas se poze em prática uma das cláusulas do contrato com que entraram para o Comissariado, a qual perdeu serem despedidos logo que não convenham ao serviço. Sempre que haja conveniência, a bem do público, em encerrar a gerência dos Armazéns a outra pessoa, nenhum prejuízo advirá para os interesses dos actuais fiéis que do seu cargo tenham dado boa conta. — Comissariado Geral dos Abastecimentos, 2 de Maio de 1922. — O Comissário Geral (a) F. Trigo.

Classes que reclamam

Manufactores de Calçado

Reuniu ontem a comissão pró-aumento de salário, conjuntamente com grande parte do pessoal da Fábrica "Elite", que assentou na reclamação a fazer para aquele pessoal.

Hoje réunem, às 19 horas, todo o pessoal da "Elite", assim como todos os delegados nomeados por ofícios para serem portadores das reclamações aos industriais.

Teatro de S. Luís

HOJE — HOJE

A farce de André Brant e Carlos Silveira, musicada por Pedro Bianchi.

Lenda dos Tarlatans

Brilhante desempenho — Magulicos

scenarios — Espelhado guarda-roupa

Universidade Popular Portuguesa

Continuam hoje pelas 20 horas as sessões de Canto Coral e do Orfeão pelo professor Hermínio do Nascimento.

Operários do mobiliário

Prossegue com ardor a luta destes camaradas contra a resistência do seu industrialismo e a truculência da desastre C. P.

Redimidos antenem em assembleia aperceberam a marcha do movimento e a disposição de uma parte dos industriais e lojistas em reabrir as suas portas, satisfazendo as reclamações dos grevistas, tendo-se alguns oradores ocupado da missão de moralidade a cumprir para todos os operários que voltam ao trabalho, um a vez atendidos.

No dia 1.º de Maio pretenderam estabelecer a confusão e deturpar a manifestação de consciência da massa proletária que é o significado dessa data.

O S. C. de Mobiliário fez distribuir um manifesto dirigido aos consumidores da mobília, expondo as causas do protestamento da greve e razão da castiga das artesfatos da indústria.

Parte apreciar importantes assuntos de ordem geral, reúnem hoje, às 17 horas, todos os operários da indústria, grevistas e os que já estão laborando.

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: A calmaria produziu-nos a sensação de que vimos mantendo há aproximadamente dois meses, nem por isso pode ser tomada à conta de fraquezas de nossa parte, como o temos insinuado, e como o poderão julgar alguns dos inimigos desconfiados do espírito que nos anima. Os operários do mobiliário que souberam não ser combatidos aceitando a luta oferecida pelos seus patrões num período de opressão sabem bem as responsabilidades que puxaram sobre si perante toda a organização operária.

A nossa disposição de hoje é a do comício de luta, fortalecida ainda pelas reivindicações da classe operária.

NOTA OFICIAL

Continua sem solução a greve da fábrica "A Lisbonense Ltd."

Recebemos um ofício das camaradas chapeleiros portugueses. Felicitamo-las por serem atendidas as suas reclamações. Também agradecemos o oferecimento por eles feito respeitante aos grevistas d' "A Lisbonense Ltd."

O comité central

A assembleia de hoje é às 17 horas.

Operários chapeleiros

NOTA OFICIAL

Continua sem solução a greve da fábrica "A Lisbonense Ltd."

Recebemos um ofício das camaradas chapeleiros portugueses.

Além disso, os operários de Lisboa, deputados e funcionários das oficinas da fábrica "A Lisbonense Ltd.", que se reúnem hoje, realizam a sua reunião de verificação das reivindicações.

NOTA OFICIAL

Continua sem solução a greve da fábrica "A Lisbonense Ltd."

NOTA OFICIAL

Continua sem solução a greve da fábrica "A Lisbonense Ltd."

NOTA OFICIAL

Continua sem solução a greve da fábrica "A Lisbonense Ltd."

NOTA OFICIAL

Continua sem solução a greve da fábrica "A Lisbonense Ltd."

NOTA OFICIAL

Continua sem solução a greve da fábrica "A Lisbonense Ltd."

A BATALHA no Porto

CRÓNICA

Escudados num subterfúgio, os industriais ourives de prata donos de botequins aumentaram para \$20 a chávena de café — A gorgeta como pretexto — Aliciando para que todos os botequeiros adiram à nova tábua — Os lucros fabulosos

Saperou-se, por estes dias, qu' um acontecimento de maior viesse agitar a pachorra em que a vida sorna da cidade caiu há uns tempos para cá, apesar de vez em quando perturbada pela vog metálica dos clarins de guerra e pelo ritmo harmonioso das marchas executadas pelas marchas bandas dos regimentos, ora atarefados em exercícios de tática abstracta para amanhã passarem aos exercícios da prática tática das revoluções. Mas embora estivesse meio mundo à espreita, os olhos esbugalhados e atentos e timpanos pronto ás vibrabilidades provocadas pelos sons desconexos das vozeiras irreverentes da populaçā indignada, os dias e as noites decorreram serenos, numa indolência paquidérmica, plena de bocejos rasgadamente contagiosos. O carácter energico que outrora era o orgulho da raça tripelrinha, que não permitia a licença das outras Ius poderiam levar as lampas, caiu na mais desastrosa das impotências, cujo gelido indiferentismo ou covardia parte das classes inferiores aos populachos superiores. Tudo passou de energumeno a um lamentável castramento moral, se não mesmo físico.

Todo este aranjo veio a propósito da nova escamotação, que descarradamente se vem exercendo, feita pelos militares donos de botequins, a um tempo profissioníssimos industriais da especialidade de prataria. Equilibrando-se na corda bamba da charlatanice, fazendo crer ao público desacatulado que o café encarece desalmadamente e o açúcar subiu de preço estupidamente, esses industriais de ourivesaria de prata, que presentemente estão monopolizando os cafés, deliberaram elevar o custo de cada dedal de café para \$20. Ora o açúcar — e para admirar — não encarece como aqueles conspius usos senhores apresentam, outro tanto sucedendo com o café. Mas como estamos numa época de excepcionais roubalheiras, amavelmente consentidas pelas ilustres autoridades republicanas, pela briosa justiça de Castela, perdão portuguesa, o caso deixa de ser escandaloso para ser a coisa mais natural desta vida. Aqui há tempos, por um sem lhanç e injustificado aumento por cada vinte gotas de água negra vertidas na chácara de porcelana, o pagode insubordinou-se e, como um tulio aportado repentinamente, fez-se aos espelhos de cristal, às cadeiras de feitos atraentes, às mesas de mármore e de vidro, etc., e zás! foi um que lhes deu...

Agora os tempos são outros. O temperamento tornou-se maleável e os nervos, de ríos, puzeram-se lassos. Os amantes fervorosos da semente torrada da coffee deixaram-se adormecer pela maviosa música da cantata muito sabida os injustíssimos de prataria, cumulativamente proprietários de botequins, espalharam que o aumento também se destina a terminar com o ridículo sistema da gorgeta, passando os empregados a usufruir um salário fixo. Partidários entusiastas da dignificação dos que trabalham, e, portanto, da abolição da gorgeta, dessa esmola que aviltava quem a dava e rebaja quem a recebe, só ficariam satisfeitos com essa medida se não vissemos nela um truque bem intencional, à guisa dum bem estudado conto de vigário.

Que ordenado estipularam aos empregados? Ninguém ainda o sabe, a princípio pelos interessados; o que, porém, anda no ar é a informação de que, no fim do serviço, os donos de botequins, feita a média geral do montante gorgelito, dão ao pessoal o que lhe falta. Quer dizer: era costume o produto da gorgeta ser de ; como se falou que o aumento do café se destinava à abolição da gorgeta, muitos frequentadores deixaram de dar esmola, reduzindo o produto a v. Poucos ignoram que as quantias gorgeticas são lançadas numa caixa e distribuídas no fim pelo pessoal — pelo menos em algumas partes. Pois bem: terminado o serviço, o patrão averiguou quanto foi o deficit e cobre-o... Ai está como é feito o ordenado ao pessoal. Porque se procede assim? Porque havendo o hábito inveretado, nos nossos frequentadores de cafés de darem a odiosa gorgeta, aquelas que agora deixam de dar esquecem-se, só contagiados pelos outros que ainda a dão e... quartel general em Abrantes, tudo como de antes, à exceção do preço da chicara de líquido negro, que esse fica agravado em mais \$05. O pess. o fica mesmo a viver de esmolas...

C. V. S.

Associação dos Operários Manipuladores de Pão

Em assemblea magna, reuniram os operários manipuladores de pão. Em primeiro lugar, foi tratada a necessidade de reclamar aumento de salário, em consequência do actual ser insuficiente para fazer face às actuais condições económicas em que se debate o operário, e, mesmo, porque as redação primorosas apresentadas não foram satisfatórias como era para desejar. Sobre o assunto falaram vários oradores, reconhecendo todos que os ordenados são irrisórios e aconselhando a que a classe se prepare o mais possível para ter a força e excessão necessárias com que possa poder conquistar aquilo a que tem jus.

Foi resolvida, debatida a questão, que a nova direcção oficie aos industriais fazendo-lhes sentir o estado precário da classe e comunicando-lhes quais as suas aspirações imediatas. Como a direcção eleita no princípio do ano brilhou sempre, pela sua ausência, nas reuniões, a assemblea tomou a resolução de reorganizá-la, ficando assim composta: presidente, Francisco Cunha; Manuel João e Alberto Gomes

Congresso Nacional da Construção Civil

A Comissão organizadora do Congresso Nacional da Construção Civil vai enviar aos Sindicatos a seguinte circular:

«Caros camaradas: — A situação crítica que atravessam as organizações sindicais presentemente é tam grava, e os seus efeitos tam desastrosos para a boa marcha das reivindicações sociais, que urge ponderar estes inconvenientes de modo a procurar robustecer os nossos organismos de classe.

O enfraquecimento dos Sindicatos é consequentemente também o enfraquecimento da nossa organização federativa, porque esta assenta as suas bases nascelhas que fazem as delícias dum público inconsciente, para quem o atractivo não há que não seja o apimentado obsceno dos dílos piárescos e a nudez repelente da comparsaria de contrabando!

De todo tem o teatro espanhol actual e disso são exemplo vivo duas peças que neste momento se exibem: «O Centenário» dos irmãos Quintero que a Lisboa honesta tem ouvido maravilhada e «Aventuras do Rafael», farça libertínia de despoliação torcencial que traz em si o vínculo de Abatti e Reparaz, dois comediantes fecundos para quem o segredo de fazer rir não existe e de que deles fazem uso sem o recurso do desafado, da frase desatrabalhada, a ressundar de indecoro e a pingar de irreverência atrevida!

Aventuras de Rafael, devem confessar-lo, não é a comédia de sentimento ou de costumes de que há sempre a exibir um fim moral.

Não é isso, nem isso quer ser. É uma farça com todos os seus matadouros e a que não falta como elemento primordial o disparate insistente, vestido da confusão diabólica, que em peças desta ordem permitem a sua audição de principio a fim, sem agastamento nem protestos de moralidade. E' enfim um espetáculo que a literatura teatral inicia na sua classificação.

Joaquim Prata, cômico de primeira grandesa, na constelação dos nossos artistas de há uma duzia de anos, estudou o seu papel com uma atenção tal que nos leva a confessar que não é possível fazer-se melhor do que é atingiu nas complicadíssimas peças da peça. Gestos, olhar, naturalidade, tudo o que se exige num actor cómico de qualidade, é exteriorizado com uma habilidade excepcional que aliás já lhe conhecemos de outras ocasiões em que o vimos.

A actriz Berta de Bivar, fora das personagens em que a temos visto, não sendo dona de tipografia alguma, resolveu prestar serviços à pátria, metendo o nariz no... que não era chamado. Esse menino bonito que, quando foi tipógrafo, penecrete como outro qualquer procedeu incorrectamente por ocasião da greve das oito horas, ora convivendo com os industriais, ora arranjando aos seus então colegas; esse menino bonito que, por arte de berlques e berlques, conseguiu inchar na bôla, cabriolando na política até chegar a ser importante vereador na Câmara, onde apanha, a par de qualquer coisa, possivelmente rendosa, de vez em quando umas rabecadas de fazer cōrtez um grandeiro — fez-se à última hora agitador, aldrabando aqui, aldrabando acolá, a ver se é possível que a greve patronal se torne completa, a ver se é possível que a farce se renda pela fome.

A comissão organizadora convidou-vos, a envirades a nota de adesão até dia 15 de Junho, e também vos convida a envirades até dia 10 quaisquer trabalhos que desejais ver tratados no Congresso.

E' condição para admissão o pagamento de Sindicatos até 150 sindicados \$500, de 150 a quatrocentos 10\$00, de 400 a 1000 20\$00, de 700 a mil 30\$00, de mil a dois mil 50\$00, de dois mil por diante 100\$00.

E' também necessário que as importâncias acompanhem o ofício de adesão e bem assim a nota exacta da população sindicalizada.

A correspondência deve ser enviada para a Comissão organizadora, sede da Federação Nacional da Construção Civil, Calçada do Combro, 38-A, 2º. Lisboa 1 de Maio de 1922.

A comissão
Marcelino da Silva
Luis Gonzaga
Inácio Marques

Agressões

No banco do hospital de S. José, receberam ontem curativo António Boavida Salvado, de 26 anos, natural do Fundão e residente na rua Francisco Sanches, A. J., 1º direito, condutor dos eléctricos 1378, que foi agredido por um passageiro na Avenida da Liberdade, ficando ferido no rosto, Virginia de Jesus, de 36 anos, natural de Mangualde e residente na rua das Escolas Gerais, 22, que num ajuntamento à porta do armazém regulador na referida rua, foi agredida por uma outra mulher que lhe deu com uma garrafa fazendo-lhe um ferimento na cabeça, sendo a agressora presa; José Mendes de Almeida, de 18 anos, natural de Oliveira do Hospital e residente na rua Martim Moniz, 9, 1º, que no mesmo local foi agredido, ficando ferido no olho direito; Francisco Martins, de 34 anos, natural de Lisboa, carpinteiro, residente no Alto do Pina, rua Barão de Sabrosa, 32, que na rua da Arca da Graca foi agredido com uma paulada, ficando ferido na cabeça, Aires Diogo da Oliveira, de 21 anos, carpinteiro, morador na rua da Achada, 38, que no Largo das Galhas foi agredido por um indivíduo conhecido pela alcuna do Seis Dados ficando ferido na cabeça.

No banco do hospital de S. José, receberam curativo Armando Fernandes, de 19 anos, trabalhador e residente na Costa do Castelo, 144, r/c, e António José Ferreira, de 18 anos, servente, residente na rua João do Outeiro, 52, que no momento em que estavam jantando num quinto na residência do segundo, ali entrou um indivíduo que não conhecia, o qual disparou um tiro, cujo projétil foi ferir o Fernandes e o Ferreira no pescoço.

29 de Abril.

C. V. S.

Assembleia magna, reuniram os operários manipuladores de pão

Em assemblea magna, reuniram os operários manipuladores de pão. Em primeiro lugar, foi tratada a necessidade de reclamar aumento de salário, em consequência do actual ser insuficiente para fazer face às actuais condições económicas em que se debate o operário, e, mesmo, porque as redações primorosas apresentadas não foram satisfatórias como era para desejar. Sobre o assunto falaram vários oradores, reconhecendo todos que os ordenados são irrisórios e aconselhando a que a classe se prepare o mais possível para ter a força e excessão necessárias com que possa poder conquistar aquilo a que tem jus.

Foi resolvida, debatida a questão, que a nova direcção oficie aos industriais fazendo-lhes sentir o estado precário da classe e comunicando-lhes quais as suas aspirações imediatas. Como a direcção eleita no princípio do ano brilhou sempre, pela sua ausência, nas reuniões, a assemblea tomou a resolução de reorganizá-la, ficando assim composta: presidente, Francisco Cunha; Manuel João e Alberto Gomes

respectivamente 1.º e 2.º secretários; tesoureiro, José Augusto; e vogais: Américo Pereira Dias, Joaquim Branco Fortunato e Manuel Rodrigues. A seguir foi nomeado o delegado que há de assistir ao Congresso Nacional Operário, que é o camarada Domingos Pinhalha.

No fim da sessão, foi tirada uma queite para auxílio dos grevistas tipográficos, que rendeu 2300.

A BATALHA

Teatros

Primeiras

TEATRO DE S. CARLOS. — Aventuras do Rafael, por Reparaz e Abatti.

O teatro espanhol contemporâneo pode enfileirar bem ao lado do que morhor existe em outros países de reputação.

Incomparavelmente superior ao nosso (embora isto dize a certos patriotas), tem no número e na qualidade, uma situação invejável para aqueles que desejariam ver, no teatro português, alguma coisa mais do que a pornografia das revistecas que fazem as delícias dum público inconsciente, para quem o atractivo não haverá motivos justificados para isso. Ora a verdade.

É preciso notar que nem todos os botequins aderiram à nova tabela. Alguns botequeiros percorreram os estabelecimentos dos seus colegas refratários, a ver se os aliciavam para a carestia; mas não se demoveram, nem se conververam, dizendo até um deles que não aumentaria aos seus preços por não haver motivos justificados para isso. Ora a verdade.

As autoridades o que fazem ante estas poucas vergonhas, na presença destas descardadas extorsões? Não fazem nada, porque talvez tenham caté de graça...

Os industriais gráficos trabalham para um novo «lock-out». — Os manejos de um «menino bonito» que também é vereador — Procurando agitar

A despeito de todas as voltas que se tem dado e procurado dar à questão tipográfica, a falange que se tem conservado firmemente no seu posto de combate ainda está longe de se deixar render. Esta forma digna e alevita dos tipógrafos que estão em luta, e que permanecem dentro do seu reduto — a Liga das Artes Gráficas — a esperar que da parte inimiga venha, quando quiser, o emissário para fazer justificativa da sua organização corporativa. Resolreu o último Congresso realizado em Coimbra que o 3.º se efectuaria em Evora, porventura nas circunstâncias de força maior, que não sabem como desculpar a ressundar de indecoro e a pingar de irreverência atrevida!

Aventuras de Rafael, devem confessar-lo, não é a comédia de sentimento ou de costumes de que há sempre a exibir um fim moral.

Não é isso, nem isso quer ser. É uma farça com todos os seus matadouros e a que não falta como elemento primordial o disparate insistente, vestido da confusão diabólica, que em peças desta ordem permitem a sua audição de principio a fim, sem agastamento nem protestos de moralidade. E' enfim um espetáculo que a literatura teatral inicia na sua classificação.

Joaquim Prata, cômico de primeira grandesa, na constelação dos nossos artistas de há uma duzia de anos, estudou o seu papel com uma atenção tal que nos leva a confessar que não é possível fazer-se melhor do que é atingiu nas complicadíssimas peças da peça. Gestos, olhar, naturalidade, tudo o que se exige num actor cómico de qualidade, é exteriorizado com uma habilidade excepcional que aliás já lhe conhecemos de outras ocasiões em que o vimos.

A actriz Berta de Bivar, fora das personagens em que a temos visto, não sendo dona de tipografia alguma, resolveu prestar serviços à pátria, metendo o nariz no... que não era chamado.

Desnecessário será encarecermos a necessidade de que nenhum Sindicato deixe de comparecer no Congresso. Os múltiplos aspectos que impedem a sua realização nessa última cidade, e o conselho federal realizado em 17 de Abril resolvem que o 3.º Congresso Nacional da Construção Civil se efectuasse na cidade de Castelo Branco nos dias 29 e 30 de Junho e 1 de Julho.

E' pois, nesta localidade que o Congresso se vai realizar.

Desnecessário será encarecermos a necessidade de que nenhum Sindicato deixe de comparecer no Congresso. Os múltiplos aspectos que impedem a sua realização nessa última cidade, e o conselho federal realizado em 17 de Abril resolvem que o 3.º Congresso Nacional da Construção Civil se efectuasse na cidade de Castelo Branco nos dias 29 e 30 de Junho e 1 de Julho.

A comissão organizadora convidou-vos, a envirades a nota de adesão até dia 15 de Junho, e também vos convida a envirades até dia 10 quaisquer trabalhos que desejais ver tratados no Congresso.

E' condição para admissão o pagamento de Sindicatos até 150 sindicados \$500, de 150 a quatrocentos 10\$00, de 400 a 1000 20\$00, de 700 a mil 30\$00, de mil a dois mil 50\$00, de dois mil por diante 100\$00.

E' também necessário que as importâncias acompanhem o ofício de adesão e bem assim a nota exacta da população sindicalizada.

A correspondência deve ser enviada para a Comissão organizadora, sede da Federação Nacional da Construção Civil, Calçada do Combro, 38-A, 2º. Lisboa 1 de Maio de 1922.

Trabalhadores

Notícias

Trabalhava-se sem descanso de dia e de noite no Salão Foz, afim de que tenha a sua «premiere» amanhã, a nova revista Piparel, que Otelo de Carvalho capricha em apresentar com o maior brilhantismo e aparato. No original de Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues tem papéis de grande destaque, além do impagável Gomes da Trindade, Laura Costa, Lina Demol, Júlia da Assunção, Tina Coelho, Maria Isidro, Eugénia Quintão e Otelo de Carvalho, além doutros artistas, cabendo a este a responsabilidade da encenação, que tem números de belo efeito.

A música do Piparel é de Felgueiras, Hugo Vidal e Portela, três mestres experimentados, de grande inspiração e bom gosto. Os cenários da nova revista são de Salvador e Mergulho, que apresentam trabalho de belo efeito, e o guarda-roupa de Castelo Branco será uma manifestação do que eles nos tem apresentado, verdadeiramente deslumbrante.

Em virtude do grande interesse que está despertando a aparição do Piparel, estão, desde já, à venda no Salão Foz, os bilhetes para as primeiras récitas, que serão duas, em cada noite.

— Na revista Tiro ao alvo! em ensaios no Teatro Chiado Terrasse, a actriz Juilia Rodrigues, é uma das primeiras a apresentar-se.

— Na revista Caxambu, de Salvador, é a vez de Salvador, que é um organismo colectivo, figura, vultuosa directora do alcoólico social: «O maior flagelo social: o alcoólico; sua leição torpemente mercantilista». Inglez Tavares, Joaquim Cardoso, Guilherme Curtis e João Bacelar.

Sexta-feira, 5-R. Jardim Botânico, 2, (Ajuda Club), «Necessidade mundial da extinção das tabernas». Leovigildo Sales, Luciano Silva, Lino Castro e Virgílio Sousa.

Sábado, 6-Travessa Conde Ribeira, 45, Santo Amaro, (Soc. Filarmónica Esperança e Harmonia). «O perigo das bebidas alcoólicas e vantagens da sua proibição nacional». Dr. Afonso Manas, Roberto Moreton, José P

